

Luisa Amador Fanaro¹

Aprendizados humano-caninos na preparação para a busca de trufas negras no Chile

Human-canine apprenticeships in preparation for black truffle hunting in Chile

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar

RESUMO

Neste artigo, a proposta é refletir a respeito dos modos de se fabricar cães trufeiros no Chile, comparando-os a outros métodos de preparação de cães de trabalho – como, por exemplo, cães de caça, cães de busca e salvamento, e cães policiais –, buscando, com isso, contribuir com as discussões a respeito das distintas formas de se fazer um cão – e, conseqüentemente, um humano –, a depender da função que lhe(s) cabe desempenhar. A partir de meus dados etnográficos, argumento que tanto cães quanto humanos, no contexto da truficultura chilena, se fazem e são feitos na prática, e, como se espera demonstrar, preparar ou fabricar um cão trufeiro, no Chile, significa fazer com que os animais se tornem bons trabalhadores. Destaca-se a complexidade de todo o processo de fabricação levado a cabo por meus interlocutores, já que preparar cães para a caça de trufas demanda a co-constituição de uma relação interespecífica extremamente profunda, que vai muito além da linguagem e do próprio corpo, e que se baseia em uma negociação incessante na qual tanto humanos quanto cães têm muito a dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Humano-Animais; Cães; Educação

Canina; Truficultura.

ABSTRACT

In this article, the aim is to reflect on the ways truffle dogs are fabricated in Chile, in comparison to other methods of preparing working dogs – such as hunting dogs, search-and-rescue dogs, and police dogs –, with the goal of contributing to discussions about the different ways of making a dog – and, consequently, a human – depending on the role they are expected to perform. Drawing on my ethnographic data, I argue that both dogs and humans, in the context of Chilean truffle farming, are made through practice, and, as I expect to demonstrate, preparing or fabricating a truffle dog in Chile means shaping animals into effective workers. The complexity of the entire fabricating process carried out by my interlocutors is notable, since preparing dogs for truffle hunting requires the co-constitution of an extremely deep interspecific relationship that goes far beyond language and the body itself, and that rests on an incessant negotiation in which both humans and dogs have much to say.

KEY WORDS: Human-Animal Relations; Dogs; Canine Education; Truffle Farming.

TRUFAS, CÃES E HUMANOS: UMA INTRODUÇÃO

Trufas são fungos – mais precisamente, são os corpos frutíferos de fungos hipógeos², subterrâneos – que vivem em estreita associação simbiótica com certas espécies vegetais, como a encina (*Quercus ilex*) e o carvalho turco (*Quercus cerris*), no caso da trufa negra (*Tuber melanosporum*), e crescem e amadurecem abaixo da terra, junto às raízes arbóreas (DOMENECH, 2012; DOMENECH & GARCÍA-BARREDA, 2011). De acordo com Pérez-Moreno e colaboradores, “ao contrário de plantas ou animais, o corpo de um fungo individual está escondido no subsolo ou no substrato e não é composto por células, mas por redes de filamentos” (PÉREZ-MORENO et al., 2020, p. 4)³. Essas redes de filamentos, ao interatuar com as raízes das árvores, constituem com elas as denominadas micorrizas, estruturas relacionais que serão responsáveis pelas trocas – de carboidratos, água, macro e micronutrientes – entre fungo e planta. Seu cheiro, que atrai tanto humanos quanto seres outros-que-humanos, é, segundo o biólogo Merlin Sheldrake, “o resultado de centenas de milhares de anos de enredamento evolutivo com o paladar dos animais” (SHELDRAKE, 2021, p. 34), que são “avisados” quando elas estão prontas para serem comidas.

Em que pese nosso fascínio e apreciação olfativa por esses fungos “tímidos” (NOWAK, 2015) e supervalorizados – um quilo de trufa negra pode alcançar os dois mil dólares, cerca de dez mil reais –, nada encontraríamos sem o auxílio do faro canino, cuja sensibilidade é indispensável para a localização desses seres subterrâneos. O trabalho dos cães, portanto, é fundamental, uma vez que é somente em sua *atmosfera* (LORIMER et al., 2017; RIEDEL, 2019) que o cheiro das trufas é perceptível, ao menos antes de serem desenterradas. São os animais que, em primeiro lugar, têm de detectar e rastrear aquelas que estão prontas para serem colhidas, e o aroma característico que eles aprendem a perseguir só é exalado pelas trufas que estão maduras ou amadurecendo, o que acontece apenas na última etapa de sua maturação. No Chile, o período alcunhado como a temporada de *caça*, ou *colheita*, de trufas⁴, se estende da última semana de maio até a primeira semana de setembro.

Naquele país, o cultivo de trufas negras foi inicialmente concebido como uma alternativa econômica destinada a pequenos e médios produtores, com o objetivo de oportunizar uma atividade agrícola de alto valor agregado que pudesse ser desenvolvida mesmo em propriedades de pequena extensão. Isso, lamentavelmente, não se concretizou: como me

² Fungos hipógeos são aqueles em que as frutificações (no caso, as trufas) nascem, se desenvolvem e amadurecem abaixo do solo. Fungos epígeos, por sua vez, apresentam frutificações que, apesar de nascerem no subsolo, “afloram à superfície ao amadurecer, para dispersar seus esporos” (MORENO-ARROYO et al., 2005, p. 19).

³ Neste artigo, todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português pela autora. Quaisquer erros e imprecisões, portanto, são de sua responsabilidade.

⁴ No contexto da truficultura chilena, o uso dos termos *caça*, *coleta* e *cultivo* é bastante fluido, e seus significados acabam se confundindo (FANARO, 2025b).

relatou um de meus principais interlocutores de pesquisa, “o agricultor tradicional, o pequeno produtor, está habituado a cultivos anuais. Quando dissemos que teriam de esperar pelo menos cinco anos para colher trufas, eles disseram não”. Assim, a proposta, que pretendia fortalecer pequenos e médios agricultores, acabou sendo apropriado, quase integralmente, por grandes proprietários e investidores vinculados ao agronegócio e ao mercado financeiro chileno.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, meus principais interlocutores foram os irmãos Rafael e Víctor Henríquez, sócios da Agrobiotruf, uma empresa localizada na comuna de Talca, região do Maule, que é referência na produção e comercialização de árvores micorrizadas, na consultoria técnica para implantação de pomares trufeiros e na preparação de cães especializados na busca de trufas. Rafael, engenheiro florestal, é responsável pelas visitas técnicas e pela avaliação do manejo silvo-agrícola das plantações; Víctor, por sua vez, com estudos em medicina veterinária, gerencia um canil especializado no treinamento e na comercialização de cães trufeiros.

De acordo com Víctor, ensinar aos cães o trabalho de buscar trufas consiste, essencialmente, em ensiná-los a perseguir um aroma que naturalmente não perseguiriam. Em suas palavras, consiste em “fabricá-los” para a prática em questão. Em sua companhia, pude observar o treinamento e a preparação dos cães desde as etapas realizadas nas dependências da empresa, onde os animais aprendem a associar o aroma como algo que lhes deve interessar, a rastreá-lo e a marcar sua localização, até a prática em trufeiras já produtivas, com trufas frescas.

Trabalhar com cães, trufas e truficultores no Chile exigiu considerar distintos métodos, escalas (TSING, 2015) e temporalidades – das trufas, das árvores, dos cães e dos humanos, todas elas subsumidas pela temporalidade da truficultura –, e adotar uma abordagem interdisciplinar, multiespecífica (KIRKSEY & HELMREICH, 2011) e material-semiótica (KOHN, 2007, 2013; KOHN & CRUZADA, 2017). Ademais, na busca por compreender as múltiplas relações simbióticas, poder-se-ia sugerir, co-constituídas entre cães, humanos, trufas e árvores, foi preciso lidar com distintas “biografias” humanas e caninas, e com seus entrecruzamentos: um cão trufeiro, afinal, sempre é um cão *com* um truficultor, e vice-versa. Um não existe sem o outro.

Para além das técnicas clássicas já consagradas na antropologia, como a observação participante e as entrevistas, a pesquisa de campo, realizada ao longo de oito meses entre os anos de 2022 e 2023, também se respaldou na simples observação por meio do caminhar aparentemente descompromissado (ROOT-BERNSTEIN, 2016) e na fenomenografia (VICART, 2010), de forma a incluir os cães e as trufas nas análises, a partir do que acontece no momento de seu encontro. Como cães e trufas não falam, trata-se de segui-los, de seguir suas interações com humanos, outros cães e demais seres outros-que-humanos, e, disso, extrair conhecimento antropológico.

Neste artigo, a proposta é refletir a respeito dos modos de se “fabricar” cães trufeiros no Chile, comparando-os a outros métodos de preparação de cães de trabalho – como, por exemplo, cães de caça

(CRUZADA, 2019; MEDRANO, 2016; VANDER VELDEN, 2016), cães de busca e salvamento (GRANDJEAN, 2001), e cães policiais (OLIVEIRA NETO, 2021a, 2021b) –, buscando, com isso, contribuir com as discussões a respeito das distintas formas de se *fazer* um cão – e, conseqüentemente, um humano –, a depender da função que lhe(s) cabe. No contexto chileno, é preciso ter em mente que, como me afirmou um de meus interlocutores, “a relação entre a trufa e a árvore é uma relação de simbiose, assim como deve ser a relação entre o humano e o cão trufeiro”. Ali, a truficultura compreende distintas simbioses: se, por um lado, é preciso trabalhar com o ciclo biológico do fungo e respeitar sua sazonalidade, por outro, é preciso constituir um vínculo muito forte com seu cão caçador, já que, como me disse um truficultor, “o cão é fundamental e, sem ele, não encontraríamos trufa nenhuma”.

OS PRIMÓRDIOS DA TRUFICULTURA SUL-AMERICANA

Tudo começou no ano de 2001, quando Rafael integrou o projeto pioneiro que introduziu o cultivo da trufa no país⁵. À época, importava aos integrantes da proposta o desenvolvimento de “técnicas de propagação, inoculação e cultivo de trufas negras no centro-sul do país”, bem como “o acompanhamento e o controle do processo de inoculação, e da posterior qualidade das plantas inoculadas” (FIA, 2009, p. 16). As primeiras amostras do fungo, provenientes da região de Valencia, Espanha, chegaram ao Chile em 2002, mesmo ano em que se obtiveram as sementes das espécies arbóreas selecionadas para o procedimento: a encina (*Quercus ilex*), o carvalho-comum (*Quercus robur*), a aveleira europeia (*Corylus avellana*) e a faia-do-sul (*Nothofagus* sp).

Com as sementes das árvores e os esporos do fungo em mãos, “as plantas foram propagadas em ambientes controlados, em estufas estabelecidas no campus San Miguel da Universidad Católica del Maule, em Talca” (FIA, 2009, p. 16), e inoculadas com os esporos da trufa negra. Posteriormente, entre os anos de 2002 e 2004, onze pomares trufeiros experimentais foram estabelecidos em distintas zonas do país – nas regiões do Maule, de Los Ríos, de Aysén e Metropolitana –, selecionadas principalmente por suas características edafoclimáticas, que deveriam ser similares às condições existentes nas plantações trufeiras da Europa (FIA, 2009, p. 17).

Desse esforço coletivo surgiu, há duas décadas, a Agrobiotruf, que, dando continuidade às pesquisas e inovações relacionadas ao cultivo de trufas, consolidou-se como a principal referência do setor na América do Sul, atuando, nos últimos anos, não apenas no Chile, mas também na Argentina e no Uruguai. Sobre seu envolvimento com a truficultura, contou-me Rafael que “quando você transforma um produto da natureza em um cultivo, o processo é muito longo, sobretudo quando as

⁵ Para mais informações: <https://opia.fia.cl/601/w3-article-1732.html>. Acesso em 04/10/2025.

rentabilidades são incertas”. Para ele, ademais, “cultivar trufas é do mais incerto que existe, nós levamos vinte anos para chegar até aqui e ainda estamos aprendendo”.

Depois de muitos erros, acertos e conhecimento adquirido, a Agrobiotruf produz, atualmente, duas espécies de árvores, a encina e o carvalho turco, inoculadas com o fungo *Tuber melanosporum*. Além disso, a empresa oferece “uma gama completa de consultoria em todo o processo de gerenciamento”, o que compreende desde uma avaliação prévia do terreno onde se pretende estabelecer um pomar trufeiro até a caça e a colheita das trufas. Seus métodos de cultivo e colheita, “os mais avançados no Chile”, se fundamentam na seleção das árvores e sua inoculação controlada; na análise, correção e preparação do solo para a truficultura; na gestão agronômica dos pomares; e no treinamento e comercialização de cães trufeiros.

Em 2023, Víctor tinha sob seus cuidados 26 animais, dentre os quais nove já eram adultos, estavam familiarizados com a prática e já haviam sido encomendados por truficultores, e 17 ainda eram filhotes e estavam em diferentes estágios do processo de ensino. Com ele, tive a oportunidade de observar distintos cães, dos mais aos menos experientes, buscando trufas. Como se verá na próxima seção deste artigo, cada etapa do ensino é um longo processo e, geralmente, o treinamento tem a duração de um ano, de um inverno a outro: após aprenderem a associar o aroma das trufas como algo que lhes deve interessar, os cães são ensinados a rastreá-lo e apontá-lo com o focinho, para, em seguida, aprenderem a marcar o local com as patas. Por último, quando os cães “já sabem o que devem fazer”, realizam um curto treinamento com trufas congeladas e, em seguida, são levados para marcar trufas frescas em trufeiras produtivas, já na temporada de caça, ou colheita, de trufas.

APRENDIZADOS MAIS-QUE-HUMANOS

1. A seleção dos filhotes

Há alguns anos, após treinar cães de distintas raças para a busca de trufas, como o Pointer, o Labrador, o Spaniel Bretão, o Weimaraner e o Pastor Alemão, que não resultaram em bons caçadores de trufas, Víctor resolveu “provar” a mistura das raças Border Collie e Terrier Chileno, escolhidas cuidadosamente por conta de suas características filo e ontogenéticas, buscando, com isso, reunir “o melhor de ambos os mundos” e criar uma linhagem de cães de trabalho excepcional e própria para trabalhar no país sul-americano. Segundo ele,

Há toda uma seleção de filhotes e toda uma preparação dos cães. É muito importante selecioná-los, para que sejam cães de trabalho. Para mim, o importante é que eles tenham energia, que não sejam cães passivos, porque o cão que tem muita energia terá muita

resistência para percorrer os pomares e concentração para trabalhar, por isso estou procurando o melhor dos dois mundos, a mistura do Terrier chileno com o Border Collie. O que eu estou buscando é um cão que não seja grande, com boas condições físicas, que seja resistente, que tenha uma boa musculatura... Aqui, o que importa não é a raça dos cães, o que importa é que encontrem todas as trufas. Os cães que estamos treinando são cães que estamos selecionando. Quando tenho uma ninhada, faço uma seleção dessa ninhada e fico com os cães que são aptos para trabalhar. Porque não consigo nada ao tentar treinar um cão que não está apto para trabalhar.

Seu principal casal reprodutor era, até 2023, Brexit, uma Border Collie, e Snoopy, seu Terrier Chileno mais experiente. De acordo com ele, a escolha por essas raças se deve, principalmente, à tentativa de combinar “a inteligência da mãe com o caráter e a tenacidade do pai, porque o Border Collie, em geral, é mais tímido, então, misturando com o Terrier Chileno, você tem a personalidade dele e a inteligência dela”. Desde 2019, então, ele realiza cruzamentos entre as duas raças, e o objetivo, em suas palavras, é a criação de uma linhagem de “cães trufeiros chilenos”. Para ele, é necessário *fabricar* o cão desde a gestação até a caça de trufas, momento em que o animal, depois de todo o treinamento prévio, terminará a aprendizagem na prática. Nesse processo, para além dessa espécie de “educação para a atenção” (INGOLD, 2000), importa também atentar para as intervenções sobre os corpos dos animais – que, como se sabe, são práticas que permeiam a vida de cães de todo o tipo e não são nada incomuns (CRUZADA & GAMUZ, 2024; HARAWAY 2003a, 2003b, 2022; LABONTÊ, SANCHEZ BATISTA & VANDER VELDEN, 2021).

Com ele, os cães são ensinados, desde que nascem, a caçar trufas. Quando está prenha, Brexit recebe cuidados e atenção especiais, principalmente no que diz respeito à sua alimentação e saúde. Assim que dá à luz, sempre no inverno⁶, ela e seus filhotes são transferidos para um local cercado, de forma a manter outros cães afastados, e artificialmente aquecido com um aquecedor elétrico portátil. Também é preciso, a todo o momento, interagir com os recém-nascidos, para que se acostumem com a presença humana e se tornem cães sociáveis. De acordo com Víctor, os primeiros 14 dias de vida dos filhotes são extremamente importantes para seu desenvolvimento físico e mental, e, em suas palavras, “é o mesmo que acontece com os humanos”.

Por volta dos dois meses de idade, quando já tomaram suas primeiras vacinas e já têm tamanho suficiente para conviver com os outros cães, os futuros caçadores de trufas têm seu mundo ampliado para fora do “cercadinho” e passam a compartilhar o espaço do viveiro da Agrobiotruf com seus companheiros caninos mais velhos. De acordo com Víctor, a primeira seleção dos cães potencialmente aptos para o trabalho de buscar trufas acontece na quinta semana de vida dos animais, em que se avaliam

⁶ Brexit sempre dá à luz no inverno para que os cães sejam treinados durante o verão e busquem trufas dali a um ano, no inverno seguinte. Ela, por ser a reprodutora, não caça trufas – segundo Víctor, “seu trabalho é outro”.

características como curiosidade, propensão para brincar e sua atitude mediante pessoas e/ou objetos estranhos. A avaliação consiste em colocar cada filhote, separadamente, em um local novo e fechado, e observar seu comportamento: como se comporta em um lugar novo (se vai ou não explorá-lo, desbravá-lo); com pessoas estranhas (se tem curiosidade, se aproxima, tenta brincar, ou não); com ruídos altos (se tem medo ou não); e com objetos estranhos (se brinca com eles ou não). Sobre a seleção dos filhotes de cães trufeiros na Itália, Gianni Ravazzi notou algo muito parecido:

Quando se escolhe um filhote para adestrá-lo para a busca de trufas, convém observar na ninhada o comportamento dos candidatos, dentre os quais deve-se escolher o mais decidido, guloso e alegre. As duas primeiras características, de fato, se bem canalizadas, resultarão em um animal voluntarioso na busca, e a terceira, por sua vez, o converterá em um cão obediente e esperto (RAVAZZI, 2016, s/p).

No Chile, foi muito interessante observar a avaliação dos cães e notar que seus comportamentos são, realmente, muito variados. De acordo com Víctor, os machos “demoram mais para amadurecer” e, por isso, têm de repetir o teste após mais ou menos duas semanas, para “ratificar” a primeira impressão. Os diferentes tempos de maturação dos cães, a depender de seu sexo, também foi algo observado no contexto dos Galgos lebreiros na comunidade autônoma de Andalucía, Espanha:

Um dos fatores mais determinantes para a seleção do galgo é o sexo do animal. Machos e fêmeas não têm as mesmas qualidades e habilidades [...]. Os galgueiros comentam que ambos se desenvolvem da mesma forma que os humanos, em tempos diferentes. As fêmeas amadurecem ou “coalham”⁷ mais cedo [...] (CRUZADA, CHAMORRO & GAMUZ, 2021, p. 35).

No processo de seleção que pude observar no país sul-americano, os machos, de fato, foram os menos “exploradores” e curiosos, e eram os mais medrosos e menos atentos. As fêmeas, por sua vez, demonstraram atitudes distintas: algumas eram mais tímidas, outras eram muito curiosas e destemidas. Disse-me Víctor que o ideal é que os animais explorem o novo ambiente de maneira a desenhar uma estrela: saiam de um ponto, tomem uma direção, voltem ao ponto de partida, tomem uma outra direção e assim sucessivamente. Assim tem início, no Chile, o longo e incerto processo de “fabricação” dos cães trufeiros. Os animais passam seus dias socializando, tanto com humanos quanto com outros cães, e explorando o ambiente do viveiro, sem grandes preocupações e obrigações, até, mais ou

⁷ Em espanhol, “se cuajan”, do verbo *cuajar*: prosperar, cristalizar, concretar-se, resultar. Informações disponíveis em: <https://dle.rae.es/cuajar>.

menos, os seis meses de idade. Nesse momento, são introduzidos, de fato, no mundo das trufas e do trabalho.

2. Associação, rastreo e marcação

Como já mencionado, o treinamento inicial é dividido em três etapas: a associação do aroma das trufas, seu rastreo e, finalmente, sua correta marcação com as patas. Como em outros processos de educação canina para o desempenho de determinados trabalhos que demandam, principalmente, do olfato canino, como a busca por pessoas em escombros, avalanches e enchentes, o rastreo de explosivos, hidrocarbonetos e entorpecentes, e, claro, as mais variadas modalidades de caça de animais, a aprendizagem precisa ser um jogo (CORKRAN, 2015; CRUZADA, 2019), já que isso “facilita a comunicação entre o humano e o animal [e] é uma forma de começar a criar uma base comunicativa comum” (CRUZADA, 2019, p. 266). Assim, no povoado de Segura de León, comunidade autônoma de Extremadura, Espanha, os cães caçadores começam seu aprendizado brincando com *pellejos* (retalhos de pele) e penas:

As peles [de lebre ou coelho] são amarradas a uma corda longa, que, por sua vez, é amarrada a uma pequena vara segurada pelo caçador. Os cães nessa idade (dois a três meses) são muito brincalhões, de modo que o processo educativo começa com a adaptação ao seu temperamento de filhote. É preciso brincar com o cão, deixá-lo cheirar a pele (ou a penugem), tentar mordiscá-la e apanhá-la com as patas (CRUZADA, 2019, p. 266).

Dominique Grandjean, por sua vez, sublinha a importância do jogo e do brinquedo para a preparação de cães para os trabalhos de busca e salvamento:

Após a familiarização e a educação de base (ensino das posições, marcha a pé etc.), o trabalho é orientado para a busca propriamente dita. As técnicas são variáveis. Em geral, o treinador conta com a ligação que o cão tem com ele e com o seu entusiasmo por um brinquedo em particular [...]. O treinador e [...] diversas pessoas se escondem com o brinquedo do cão. Assim que o cão os encontra, ele “marca” sua vítima latindo e arranhando o chão. A atração do brinquedo permite o desenvolvimento dessa marcação, qualidade essencial para um bom cão de escombros (GRANDJEAN, 2001, p. 155).

E, também, para o treinamento de cães para o rastreo de entorpecentes:

No interior de um tubo de PVC perfurado, é colocado o material ao qual o cão deve reagir. [...] Durante alguns dias, faz-se com que o cão brinque com o tubo até que ele se transforme em seu brinquedo preferido. Ao mesmo tempo, ele associa seu brinquedo com o odor do produto que se difunde pelo orifício

do tubo. [...] A última etapa [do treinamento] consiste em suprimir o tubo para ensinar o cão a procurar apenas a droga, que ele associa sempre a seu brinquedo (Grandjean, 2001, p. 164).



Imagem 1: Recipiente plástico e tira de papel embebida em azeite trufado utilizados por Víctor na primeira etapa do treinamento dos cães. Acervo pessoal, 2022.

No contexto de aprendizagem dos cães trufeiros no Chile, disse-me Víctor que a primeira etapa do treinamento, a associação do aroma das trufas, é a mais importante e deve ser realizada ininterruptamente, todos os dias. O treinamento consiste em colocar um *señuelo*, uma isca – que, nessa etapa, pode ser uma simples tira de papel embebida em azeite trufado dentro de um recipiente plástico destampado – e deixá-la no chão, sem mudá-la de lugar; em seguida, dá-se o comando “busque” ao cão e, quando ele farejar o objeto, deve-se parabenizá-lo, “muy bien, [nome do cão]”, e dar-lhe um prêmio – um pedaço de salsicha, por exemplo. Segundo Víctor, os comandos podem ser dados com a voz ou com um *clicker*, um objeto que “emite um clique duplo quando você o pressiona” e que tem como objetivo “reforçar o comportamento de seu cão quando ele responde

corretamente a uma ação”⁸. Posteriormente, Víctor começa a mudar o objeto de lugar e a pedir ao cão que o “busque”. Repetem-se as mesmas fases do treinamento até que o animal “tenha o aroma na cabeça”, o que leva por volta de dois meses.

A segunda etapa, o rastreio, também pode ser realizada com a ajuda de diversos materiais. Certo dia, por exemplo, o treinamento consistia em esconder um *señuelo* – este, sim, elaborado especificamente para a educação de cães trufeiros – debaixo de uma telha, dar o comando “busque” e recompensar os animais quando faziam corretamente o que lhes era demandado. Quando estão aprendendo a rastrear, os cães geralmente utilizam seu focinho para marcar a localização do aroma, mas Víctor os estimula, desde o princípio, a utilizar suas patas – e esconder o *señuelo* debaixo de objetos é um método que funciona bastante bem, já que eles, quase sempre, tentam tirá-lo com as patas. Nessa etapa, Víctor costuma soltar os cães de três em três, para que treinem juntos. De acordo com ele, é importante criar um “clima de competição” pelo prêmio e, além disso, os cães “tendem a imitar uns aos outros” e aprendem entre si, o que também foi notado por Cruzada, Chamorro e Gamuz (2021, p. 39) no processo de ensino dos Galgos lebreiros na Andalúcia, Espanha, e apontado por Carol Corkran (2015) como uma técnica comum de ensino de cães caçadores⁹.



Imagem 2: *Señuelo* utilizado especificamente para o treinamento de cães trufeiros. Acervo pessoal, 2022.

⁸ Informações disponíveis em: <https://bit.ly/3xblaDu>. Acesso em 29/09/2025.

⁹ A ideia da imitação como método de aprendizado também foi mencionada no contexto de preparação de cães de trenó para a atividade turística na Argentina, sobre o que escrevi alhures (Fanaro, 2021, 2025a).



Imagem 3: Duas cadelas aprendendo a rastrear o *señuelo*, escondido debaixo de uma telha. Acervo pessoal, 2022.

Como propôs Cristina Grasseni (2004, 2005) em sua etnografia com vacas leiteiras na Itália, argumento aqui que esses objetos – peneiras, telhas, *señuelos* e o próprio azeite trufado –, na relação com humanos e cães no contexto da truficultura chilena, atuam como artefatos de mediação técnica, uma vez que é através deles que Víctor treina seu olhar atento – ou, como diria Ingold (2000), suas “habilidades” – e se faz capaz de perceber quais cães são potenciais caçadores de trufas, ou bons trabalhadores. Tais artefatos também operam como veículos de comunicação, como tradutores, por assim dizer, entre as linguagens humana e canina – em uma semiose geral, no sentido de Kohn (2013), e como ferramenta-palavra, uma vez que “mediam relações entre sujeitos humanos e agências não humanas igualmente intencionais, com os quais eles se percebem envolvidos” (INGOLD, 2000, p. 320).

Em meados de abril de 2022, o treinamento de rastreio, já bastante avançado e em transição para a etapa da marcação, consistia em esconder o *señuelo* debaixo de uma telha, para que os cães rastreassem o aroma e tentassem tirá-lo com as patas. Em um primeiro momento, os animais tentam, quase sempre, fazer isso com a boca e, em seguida, com as patas. De acordo com Víctor, quando eles não fazem o que deveriam fazer, é preciso parar antes que “fiquem frustrados, pois isso atrapalha a aprendizagem”. Para ele, “é você quem decide quando jogar ou não, e

como jogar”, e, para isso, é preciso saber perceber, nos animais, seu grau de (des)interesse pelo jogo.

Não é incomum que os Terriers Chilenos puros façam a transição do rastreio para a marcação com as patas mais rapidamente que os outros. Segundo Víctor, eles “já têm isso gravado na cabeça, pois são utilizados para a caça de coelhos e outros animais há muito tempo”, e, portanto, fazem-no “instintivamente”. No caso do Border Collie, por sua vez, é preciso mudar a forma como o cão, nos termos de Víctor, “percebe o mundo”. De acordo com ele, um cão pastor “naturalmente” caminha olhando para frente, de forma a estar “sempre atento às ovelhas”. Na truficultura, por sua vez, o animal deve “olhar para baixo” e caminhar com a cabeça rente ao solo, rastreando o aroma das trufas.



Imagem 4: Luna, uma cadela da raça Terrier Chileno, aprendendo a marcar a localização do señuelo com as patas. Acervo pessoal, 2022.

Por fim, quando os cães já dominam a técnica do rastreio e começam a utilizar suas patas para interatuar com o *señuelo*, Víctor os ensina a técnica da marcação. Além do comando “busque”, ele também costuma utilizar o “dónde está”, que pronuncia em tom de pergunta ao mesmo tempo em que gesticula com suas mãos e braços para reforçar o questionamento. O treinamento é realizado em um canteiro pedregoso, onde o *señuelo* é enterrado ou arremessado. De acordo com ele, “os cães são ensinados desde pequenos a ganhar recompensas por fazerem algo, uma troca, e quando entendem o que precisam fazer, fazem, e aprendem

muito rápido”. Ademais, disse-me que quando estão aprendendo a marcar com as patas, os cães não podem, em hipótese alguma, receber o prêmio se marcarem com o focinho, caso contrário “não vão entender o que precisam fazer”.

3. Treinamento em campo

A fins de maio, quando têm por volta de um ano e “já sabem o que devem fazer” – uns mais, outros menos, a depender de suas personalidades e do desenvolvimento de suas habilidades –, os cães realizam um curto treinamento com trufas congeladas nas dependências da empresa, para se acostumarem com o aroma “quase real” de uma trufa – diferente daquele emanado pelo azeite trufado – e, em seguida, são levados para marcar trufas frescas em trufeiras produtivas. Nas palavras de Víctor,

Quando já estão marcando em terreno, agregamos trufas reais, trufas congeladas. A trufa congelada só usamos uma vez e temos que descartar. E a sexta etapa seria a marcação em trufeiras produtivas, porque o aroma da trufa natural também não é igual ao da trufa congelada. Necessito que em todas essas etapas, os cães estejam concentrados no que estão fazendo. Já nos meses em que não trabalham, minha preocupação é que os cães não se estressem. Não há um reforço. É como andar de bicicleta.

Antes de começar o treino, Víctor sempre retira a trufa do congelador e espera que descongele, de forma a “soltar” seu aroma. Na verdade, essas “trufas” costumam ser apenas pedaços, as “sobras” do ano anterior, guardadas principalmente para a inoculação das árvores no ano seguinte. Elas, ademais, só podem ser utilizadas uma única vez e precisam ser descartadas: quando congeladas, ainda mais por tanto tempo, as trufas perdem quase completamente sua potência aromática e seu minguido perfume se dissipa muito rapidamente. Essa quarta etapa do treinamento, que consiste no enterramento da trufa no mesmo canteiro pedregoso utilizado nos estágios anteriores, se desenrola em um curto espaço de tempo – um ou dois dias, somente –, já que Víctor não pode despendar muito inóculo com a educação dos animais.

Por fim, entre os meses de junho, julho e agosto, os cães aprendizes são levados semanalmente a uma trufeira administrada pela Agrobiotruf, em grupos de três ou quatro animais, para que concluam sua aprendizagem, com Víctor e Snoopy, seu cão mais experimentado na prática. De acordo com Víctor, o cão *maestro* sempre vai na primeira vez de um aprendiz, já que é seu papel “ensinar aos outros cães como se faz no campo”. Ravazzi notou o mesmo para o contexto italiano: em suas palavras, “na fase de adestramento, pode ser conveniente que um cão experiente acompanhe outro [aprendiz]” (RAVAZZI, 2016, s/p). No Chile, esse processo acontece da seguinte maneira: primeiro, Víctor pede a Snoopy que saia em busca de trufas – “busque, Snoopy” – e sai em seu encalço, junto com os três ou quatro aprendizes; assim que o cão faz uma

marcação, ele pega um punhado de terra e sente seu cheiro, para se certificar de que ali, de fato, há uma trufa; em seguida, Víctor chama seu cão maestro para perto de si e dá o mesmo comando – “busque, [nome do cão]” – para que um dos outros animais rastreie o aroma e marque no mesmo lugar. Nesse momento, geralmente, é preciso insistir, repetir o comando sucessivas vezes, até que o aprendiz marque com as patas. Em seguida, Víctor diz, com entusiasmo, “muy bien [nome do cão]”, recompensa-o e pede para que marque de novo, e de novo, e de novo, no mesmo lugar.



Imagem 5: Víctor e Snoopy ensinando Siri, uma cadela aprendiz, a buscar trufas em uma trufeira produtiva. Acervo pessoal, 2023.

Na caça de outros animais, Cruzada (2019) observou que a *modelação* dos cães, por parte dos caçadores humanos, é um aspecto fundamental para que a própria prática seja possível. Nos termos de Víctor, é preciso *acondicionar* os animais para a caça de trufas, *fabricá-los* para a prática em questão – como vimos, fazer um cão trufeiro envolve distintas práticas e é um processo que se inicia com a escolha acertada dos progenitores. A fabricação de cães de caça, seja em contextos ameríndios (LABONTÊ, SANCHEZ, BATISTA & VANDER VELDEN, 2021; MEDRANO, 2016; VANDER VELDEN, 2016), seja em grupos e sociedades de caça desportivo-recreativas (CRUZADA, 2019; CRUZADA & DABEZIES, 2024; GAMUZ, 2021), é um tema que tem ganhado espaço nas discussões antropológicas e que, guardadas as devidas proporções, apresenta paralelos com a caça de trufas no contexto chileno. Para algumas sociedades indígenas na América do Sul, por exemplo,

Os cães [caçadores] devem ser domesticados/familiarizados não para que se humanizem mais, mas para que mantenham, em certo sentido, sua bravura ou ferocidade. [...] se não se alcança com certo êxito esse delicado e aparentemente paradoxal equilíbrio, os cães, desde o ponto de vista indígena, não se convertem em caçadores eficientes (LABONTÉ, SANCHEZ, BATISTA & VANDER VELDEN, 2021, p. 28-29).

No Chile, passa algo similar com os cães trufeiros. Ali, ao mesmo tempo em que é preciso cultivar uma relação estreita com os animais – desde que nascem, vale recordar –, há que se ter cuidado, nas palavras de Víctor, “para não humanizá-los em demasia, para que não percam sua essência e não deixem de ser cães”. Segundo um truficultor que tive a oportunidade de conhecer, que trabalha lado a lado com seu cão trufeiro, “esses animais precisam ser rústicos, do campo, não podem ser uma fifi. Tenho em conta que eles são companheiros, mas eles são, antes de tudo, cães”. Fabricar um cão trufeiro no Chile, então, também consiste em encontrar o frágil equilíbrio entre a proximidade e o distanciamento, a humanização e a rusticidade, o doméstico e o selvagem, e, no fim das contas, resistir ao excepcionalismo humano (HARAWAY, 2022, p. 79).

APRENDIZADOS MAIS-QUE-CANINOS

O aprendizado, evidentemente, também é mútuo entre cão e truficultor. A convivência de anos com cães trufeiros fez de Víctor um exímio conhecedor desses animais. Ele e Harry, seu primeiro cão trufeiro, um Border Collie, aprenderam juntos a caçar trufas; foram dez anos de companheirismo e cumplicidade. De acordo com Víctor, ele e Harry, que se foi em 2019, aprenderam juntos a caçar trufas; foi uma aprendizagem conjunta, o que configura uma forma de codomesticação (FIJN, 2011, 2018), já que tudo era, à época, uma novidade. Por conta de seu vínculo com esses cães, seu olhar é um olhar treinado, experimentado, e, não sem razão, um truficultor se impressionou com a forma com que Víctor percebia quando os cães marcavam uma trufa e ele, muitas vezes, não. Em suas palavras, “é preciso estar muito associado com seu cão, é preciso conhecê-lo muito bem”. Se Víctor está fazendo cães caçadores de trufas, ele também está sendo feito caçador de trufas por esses cães.

Conversando com um truficultor sobre a relação que mantinha com sua cadela trufeira, disse-me ele que ambos compartilham um vínculo de “complementação fundamental”:

Ela é fiel a mim, não segue outra pessoa. Eu dependo dela para colher, não há alternativa, sem um cão não há trufas. A relação é de conhecimento mútuo e é muito minuciosa. A cadelinha me conhece muito bem, meus gestos, meu tom de voz, meus movimentos, e eu conheço suas atitudes, quando ela está realmente trabalhando e quando começa a ficar cansada ou entediada. Acredito que chegamos a um conhecimento mútuo muito estreito.

Esse conhecimento também permite aos truficultores identificar uma marcação enganosa, um blefe. Se Snoopy não tinha o costume de enganar, Xica, uma das cadelas treinadas por Víctor, estava a todo o momento testando a perspicácia de Víctor. Assim, não era anda incomum que ela marcasse um lugar e que ali não houvesse qualquer rastro de uma trufa. Perguntei à Víctor se ela estava se enganando – marcando um lugar em que realmente achava que tinha uma trufa – ou tentando lhe enganar. Em suas palavras, “Xica tenta me enganar, pois marca, me olha com essa cara e não pede o prêmio”. Ela, de fato, quando está mentindo, blefando, dá a Víctor um olhar diferente, “um olhar de culpa”, *una mirada culpable*, em suas palavras. Para ele, Xica quer ver qual será sua reação, “ela quer ver até onde pode ir”. Enganar, afinal, “é uma estratégia recorrente entre humanos, entre humanos e animais e mesmo entre animais” (CUZADA, RUIZ-BALLESTEROS & TEJEDOR, 2019, p. 514). É, de certa forma, uma negociação, que está acontecendo a todo o momento, como nas situações em que os cães rastreiam uma trufa, não marcam com as patas e vêm pedir o prêmio; eles estão testando Víctor, tentando “baixar os parâmetros exigidos”, *bajar los umbrales*.



Imagem 6: Já na última etapa do treinamento, Xica, após mentir continuamente, precisou buscar trufas presa por uma guia. Acervo pessoal, 2022.

Quando está mentindo, Xica olha para ele e espera para ver qual será sua reação – para ver se o enganou ou não. Se Víctor coloca sua mão para trás – sinal de que estaria pegando um punhado de alimento seco para premiá-la –, ela vai em sua direção rapidamente, *al tiro*; se não, ela volta ao trabalho. Víctor, então, precisa tomar muito cuidado com seus gestos, que podem ser mal interpretados – ou servir para as más intenções

da cadela, que, de acordo com ele, pensa que “se a mentira passar, passou”. Esse tipo de comportamento, de acordo com ele, também era característico de Harry:

Quando estávamos percorrendo o campo, ele me “blefava”! Ele marcava com uma pata, como se houvesse uma trufa ali, mas olhava para mim para ver minha reação, e eu dizia: “você está mentindo para mim”, e ele abaixava a cabeça e continuava procurando. Porque quando ele marcava com as duas patas, era uma trufa de verdade, mas quando marcava com uma, ele olhava para mim para ver se eu lhe daria um prêmio. Nós nos conhecíamos e tínhamos esse nível de comunicação (ATCHILE, 2022, p. 23).

De todo modo, o local onde um cão marca nem sempre é exato. Aí é que entra, nos termos de Víctor, “o escavador humano”, que precisa, como os próprios cães, perseguir o aroma da trufa, seu rastro. Primeiro, Snoopy marca. Víctor, então, se agacha a seu lado e pega um punhado de terra, para sentir seu aroma. Em seguida, começa a escavar com cuidado, com as mãos e com a ajuda de uma ferramenta de jardinagem. Em grande parte das vezes, a trufa está relativamente próxima à superfície, e encontrá-la não requer muito, ou quase nenhum, esforço; elas, no entanto, podem estar um pouco mais profundas, a aproximados dez ou vinte centímetros da superfície, e Víctor precisa procurá-la, guiando-se pelo rastro de seu aroma deixado no substrato. Quando se está caçando trufas, então, quando um cão faz uma marcação, é preciso sentir o aroma do solo, de forma a confirmar a detecção feita pelo animal, já que as trufas continuam invisíveis aos nossos olhos.

Por outro lado, se após escavar nas proximidades da marcação, detectar o aroma da trufa e ainda assim não for possível encontrá-la, será preciso requisitar o auxílio canino mais uma vez. Certo dia, por exemplo, Víctor, depois de muitos minutos buscando uma trufa, sem sucesso – sentia seu cheiro, mas não a encontrava –, pediu ajuda à Xica, para que a cadela marcasse a localização do aroma novamente. Ela, então, rastreou uma vez mais o aroma e marcou a localização exata para Víctor, que rapidamente encontrou a trufa – o que nos leva a crer que “a técnica envolvida na caça” é “uma habilidade compartilhada entre homens e cães” (RODRIGUES, 2019, p. 52).

Em sua investigação a respeito da caça recreativa de porcos selvagens na Austrália com o auxílio de cães, Paul Keil sugere que pensemos os cheiros como uma *atmosfera* (LORIMER et al., 2017; RIEDEL, 2019), quer dizer, como “uma coisa sentida que sempre excede as tentativas de apreendê-la” (KEIL, 2021, p. 3). Como argumento acontecer na caça de trufas no Chile, na modalidade de caça investigada por Keil a percepção do cheiro pelo caçador “é uma presença e uma ausência”, já que “a habilidade do cão de rastrear porcos por meio do cheiro dá ao caçador a capacidade de ser afetado por elementos perceptualmente inacessíveis ao corpo humano” (KEIL, 2021, p. 3). Dessa forma,

Ao caçar com um cão, os humanos aumentam sua capacidade de identificar a presença de porcos por meio

do extraordinário olfato canino. Por meio desse relacionamento, o mundo do cheiro é revelado como tendo propriedades atmosféricas: um fenômeno envolvente que é conhecido pelo cão, mas que também escapa à apreensão perceptiva do caçador (KEIL, 2021, p. 1).

Argumento, neste artigo, que importa prestar atenção às formas com que cães, trufas e humanos se comunicam entre si – trufas com cães e cães com humanos –, já que a caça de trufas, como outras modalidades cinegéticas, também é “uma prática multissensorial e multisensual plenamente incorporada, que implica, envolve e depende da imersão em um mundo multissensorial e multisensual” (MARVIN, 2005, p. 16). No fim das contas, há que se ter em mente que “as capacidades de ação, tanto de humanos quanto de animais não-humanos, não são inatas nem adquiridas, mas propriedades emergentes do sistema total de desenvolvimento constituído pela presença do agente (humano ou não-humano) em seu ambiente” (INGOLD, 2000, p. 366).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras de Víctor, “os cães trabalham só três meses por ano e se lembram do que precisam fazer, é como andar de bicicleta”. Quer dizer: além do treinamento prévio realizado no viveiro, as técnicas são incorporadas pelos animais e se inscrevem em seus corpos na prática, caçando trufas. Trata-se, evidentemente, de uma negociação constante, e o processo de se fazer um cão de trabalho, segundo Victoria Marquez e colaboradores, implica, sempre, em “conversação, diálogo, entendimento, pactos, negociações, intercâmbios e acordos entre humanos e não humanos” (MARQUEZ, WAJNER E ZAMUDIO, 2023, p. 289).

Além disso, nenhum cão, de acordo com meu interlocutor, se converte em um caçador de trufas da noite para o dia. Eles aprendem a associar o aroma do azeite trufado, a rastreá-lo com o focinho e, em seguida, têm de entender que precisam marcar com as patas. Ademais, também precisam fazer a transição do azeite trufado para a trufa congelada e, posteriormente, para as trufas frescas. Todas essas mudanças, às vezes, podem ser difíceis – e, mesmo, impossíveis –, a depender do cão: como na produção de trufas, a fabricação de cães trufeiros também é cercada de imprecisões, de imponderáveis e imprevisibilidades.

Do mesmo modo, nenhum humano se converte em um truficultor em um piscar de olhos – muitos, inclusive, se mostram incapazes de estabelecer com os cães uma relação de confiança e entendimento mútuo. Na busca de trufas, o que cães e humanos estão buscando é antes de mais nada um aroma, um rastro. E essa busca, para ser bem sucedida, depende do desenvolvimento de distintas habilidades humano-caninas. Se, por um lado, os animais têm de passar por todo o treinamento da associação, do rastreio e da marcação, os truficultores, por outro, precisam aprender a se comunicar coerentemente com seus companheiros caninos. A respeito das

competições de agilidade canina, Donna Haraway sugere que “ambos, cão e treinador, têm de ser capazes de tomar a iniciativa e responder um ao outro obedientemente”, já que “a tarefa é tornar-se suficientemente coerente em um mundo incoerente” (HARAWAY 2003a, p. 62). Na truficultura chilena, o mesmo pode ser sugerido: como as competições de agilidade, a caça de trufas é uma prática que mobiliza, se não uma harmonia, ao menos um pacto de respeito e resposta entre humanos e cães para que as engrenagens da atividade sigam em movimento, mesmo porque de nada adianta cultivar trufas sem se ter a capacidade de encontrá-las. Nesse “mundo incoerente”, então, cães e humanos têm de ser capazes de co-constituir formas de se comunicar que sejam inteligíveis para ambos.

Como se espera haver demonstrado, as distintas formas de se fazer, preparar ou fabricar um cão, seja para a caça de trufas ou de outros animais, compartilham uma mesma finalidade, a saber, que os cães se tornem bons caçadores – o que significa, no contexto do cultivo de trufas negras no Chile, que os animais se tornem bons trabalhadores. Além disso, há que se destacar a complexidade de todo o processo de “fabricação” levado a cabo por Víctor, que tem a paciência como uma de suas melhores qualidades. Educar e preparar cães para a caça de trufas demanda tempo e perseverança, mas também – e talvez principalmente – a co-constituição de uma relação interespecífica extremamente profunda, que vai muito além da linguagem e do próprio corpo, e que se baseia em uma negociação incessante na qual tanto humanos quanto cães têm muito a dizer. A busca de trufas, afinal, é uma prática que depende totalmente do trabalho desses animais, bem como da comunicação entre humanos e cães. Afinal, é através do cão que aquilo que está oculto, escondido no subsolo, pode ser encontrado. Nas palavras de Víctor, os cães “se conectam” com o aroma das trufas e são eles que permitem o acesso a um mundo que nos é inacessível. Um mundo que, em última instância, depende da comunicação entre os cães e as trufas através de um cheiro e do desenvolvimento, entre cães e humanos, de formas de se comunicar a respeito dessa “linguagem fúngica” (Sheldrake 2021) bastante particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASOCIACIÓN GREMIAL TRUFICULTORES DE CHILE. **Revista Trufa chilena**, n. 1: 1-38, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3CXIt4M>. Acesso em: 02 out. 2025.

CORKRAN, Carol. *‘An extension of me’: handlers describe their experiences of working with bird dogs*. **Society & Animals**, n. 23, p. 231-249, 2015.

CRUZADA, Santiago M. **Encuentros de vida y muerte: antropología transespecie y mundos ampliados entre cazadores y animales en el suroeste extremeño**. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, Espanha, 2019.

CRUZADA, Santiago M.; DABEZIES, Juan Martin (orgs.). **Cazando en Iberoamérica: polisemias cinegéticas del mundo contemporáneo**. Valencia: Tirant Humanidades, 2024.

CRUZADA, Santiago M.; GAMUZ, Helena Pérez. ***Un perro completamente distinto a los demás: la construcción biocultural del galgo-atleta para la caza de liebres en Andalucía***.

DABEZIES, Juan Martin (Org.). *Cazando en Iberoamérica: polisemias cinegéticas del mundo contemporáneo*. Valencia: **Tirant Humanidades**, 2024, p. 227-250.

CRUZADA, Santiago M.; CHAMORRO, Pablo Palenzuela; GAMUZ, Helena Pérez. ***La caza de liebres con galgos en Andalucía. Informe para registro en el Atlas del Patrimonio Inmaterial de Andalucía***. Federación Andaluza de Galgos e Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3IWU2Nu>. Acesso em: 25/09/2025.

CRUZADA, Santiago M.; RUIZ-BALLESTEROS, Esteban; TEJEDOR, Alberto del Campo. ***Deception in practice: hunting and bullfighting in southern Spain***. HAU: Journal of Ethnographic Theory, v. 9, n. 3, p. 514-528, 2019.

DOMENECH, Santiago Reyna. **Truficultura: fundamentos y técnicas**. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2012.

DOMENECH, Santiago Reyna; GARCÍA-BARREDA, Sergi. **Truficultura práctica**. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2011.

FANARO, Luisa Amador. **Notas sobre las relaciones entre perros de trineo y mushers en Tierra del Fuego, Argentina**. Tabula Rasa, n. 40, p. 75-98, 2021.

FANARO, Luisa Amador. **Um dia de cão: humanos e cães na Terra do Fogo sob a perspectiva do trabalho animal**. São Carlos: Editora de Castro, 2025a.

FANARO, Luisa Amador. **‘Es preciso imaginar la red de micorrizas que se encuentra bajo tierra’**. A caça de trufas negras (*Tuber melanosporum*) ou: como acessar um mundo que nos é inacessível? Tese (Doutorado em Antropologia), PPGAS, UFSCar, São Carlos, SP, 2025b.

FIJN, Natasha. **Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia**. New York: Cambridge University Press, 2011.

FIJN, Natasha. *Dogs ears and tails: different relational ways of being with canines in aboriginal Australia and Mongolia*. In: SWANSON, Heather; LIEN, Marianne; WEEN, Gro (Ed.). **Domestication gone wild: politics and practices of multispecies relations**. Durham: Duke University Press, 2018, p. 72-93.

FUNDACIÓN PARA LA INNOVACIÓN AGRARIA. 2009. **“Resultados y lecciones en Cultivo de Trufa (*Tuber melanosporum*) en Chile”**. Proyecto de Innovación en la VII Región del Maule, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/3CY8eSt>. Acesso em: 29/09/2025.

GAMUZ, Helena Pérez. **Etnografía de las relaciones humano-animales en el contexto de la caza de liebres con galgo en Fuentes de Andalucía (Sevilla)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidad de Sevilla, Sevilla, 2021.

GRANDJEAN, Dominique. **Enciclopédia do Cão Royal Canin**. Paris: Aniwa Publishing, 2001.

GRASSEN, Cristina. *Skilled vision. An apprenticeship in breeding aesthetics*. **Social Anthropology**, v. 12, n. 1, p. 41-55, 2004.

GRASSEN, Cristina. **Disciplining vision in animal biotechnology**. *Anthropology in Action*, v. 12, n. 2, p. 44-55, 2005.

HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003a.

HARAWAY, Donna. *For the love of a good dog: webs of action in the world of dog genetics*. In: GOODMAN, Allan; HEATH, Deborah; LINDEE, M. Susan (Ed.). **Genetic Nature/Culture: Anthropology and Science beyond the Two-Culture Divide**. Berkeley: University of California Press, 2003b, p. 111-131.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge, 2000.

JACOBS, Ryan. **El mundo oculto de la trufa: una apasionante investigación sobre el caos y la manipulación en el mercado del hongo más caro del mundo**. Barcelona: Editorial Planeta, 2020.

KEIL, Paul G. "*Rank atmospheres: the more-than-human scentspace and aesthetic of a pigdogging hunt*". **Australian Anthropological Society**, 00, p. 1-18, 2021.

KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. *The emergence of multispecies ethnography*. **Cultural Anthropology**, v. 25, n. 4, p. 545-576, 2011.

KOHN, Eduardo. *How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transpecies engagement*. **American Ethnologist**, v. 34, n.1, p. 3-24, 2007.

KOHN, Eduardo. ***How forests think: toward an anthropology beyond the human***. Berkeley: University of California Press, 2013.

KOHN, Eduardo; CRUZADA, Santiago M. *How dogs dream... Diez años después*. AIBR, **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 12, n. 3, p. 273-311, 2017.

LABONTÊ, Gesinei dos Santos; SANCHEZ, Gabriel; BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro; VANDER VELDEN, Felipe. **Amansar, familiarizar, animalizar: técnicas para hacer perros cazadores en la Amazonía**. Tabula Rasa, n. 40, p. 25-50, 2021.

LORIMER, Jamie; HODGETTS, Timothy; BARUA, Maan. "Animals' atmospheres" In: **Progress in Human Geography**, v. 43, n. 1, p. 26-45, 2017.

MARQUEZ, Victoria; WAJNER, Matías; ZAMUDIO, Fernando. "*El cabrero*" *guardián de las cabras en el Chaco árido*. **Mundo de Antes**, v. 17, n. 1, p. 279-293, 2023.

MARVIN, Garry. ***Sensing nature: encountering the world in hunting***. Etnofoor, v. 18, n. 1, p. 15- 26, 2005.

MEDRANO, Celeste. *Hacer a un perro: relaciones entre los Qon del Gran Chaco argentino y sus compañeros animales de caza*. **Anthropos**, 111, p. 113-125, 2016.

MORENO-ARROYO, Baldomero; FERNÁNDEZ, Javier Gómez; CALMAESTRA, Elena Pulido. ***Tesoros de nuestros montes: trufas de Andalucía***. Córdoba: Consejería de Medio Ambiente, Junta de Andalucía, 2005.

NOWAK, Zachary. ***Truffle: a global history***. Londres: Reaktion Books, 2015.

OLIVEIRA NETO, Edi Alves de. **Cachorreiros e cães da polícia e dos bombeiros: um estudo em representações sociais a partir das relações humano-cão**. Tese (Doutorado em Sociologia), PPGS, UnB, Brasília, DF, 2021a.

OLIVEIRA NETO, Edi Alves de. *Policiamento com cães: raças e funções em perspectiva sociológica*. **Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía**, v. 6, n. 2, p. 29-54, 2021b.

PÉREZ-MORENO, Jesús et al. *Setting the scene*. In: PÉREZ-MORENO, Jesús et al. (Org.). **Mushrooms, humans and nature in a changing world: perspectives from ecological, agricultural and social sciences**. Cham, Suíça: Springer. pp. 3-28, 2020.

RAVAZZI, Gianni. **El libro de la trufa**. Ciudad de México: Editorial De Vecchi, 2016.

RIEDEL, Friedlind. *Atmosphere*. In: SLABY, Jan; VON SCHEVE, Christian (Ed.). **Affective societies: key concepts**. New York: Routledge, 2019, p. 85-95.

RODRIGUES, Paulo Olivier Ramos. **Caçadas perdigueiras: um estudo etnográfico sobre a técnica e comunicação entre homens e cadelas**. Equatorial, v. 6, n. 10, p. 50-80, 2019.

ROOT-BERNSTEIN, Meredith. *Personal reflections on natural history as common ground for interdisciplinary multispecies socio-ecological research*. **Geo: Geography and Environment**, v. 3, n. 1, p. 1-6, 2016.

SHELDRAKE, Merlin. **A trama da vida: como os fungos constroem o mundo**. São Paulo: Fósforo; Ubu Editora, 2021.

TSING, Anna. **The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

VANDER VELDEN, Felipe. Como se faz um cachorro caçador entre os Karitiana (Rondônia). **Teoria e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 25-35, 2016.

VICART, Marion. *Où est le chien? À la découverte de la phénomenographie equitable*. **De Boeck Supérieur**, v. 2, n. 108, p. 89-98, 2010.